



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

FRANCIENZA MARIA DOS SANTOS SOUSA

O TEXTO NÃO-VERBAL EM SALA DE AULA

PATOS – PB
2014

FRANCIELZA MARIA DOS SANTOS SOUSA

O TEXTO NÃO-VERBAL EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, um convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba.

Orientadora: Prof(a) ANA PATRÍCIA FREDERICO SILVEIRA

**PATOS – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725t SOUSA, Francielza Maria dos Santos

O texto não verbal em sala de aula [manuscrito] : / Francielza Maria dos Santos Sousa. – 2014.

39 p.: il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, 2014.

“Orientação: Profa. Ma. Ana Patrícia Frederico Silveira, Departamento de Letras”.

1. Leitura. 2. Texto não verbal. 3. Aprendizagem. 4. Escola.
5. Professores. 6. Alunos. I. Título.

21. ed. CDD 371.3

FRANCIELZA MARIA DOS SANTOS SOUSA

O TEXTO NÃO-VERBAL EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, um convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba.

Aprovada em 19/07/2014

Ana Patrícia Frederico Silveira

Prof(a) Ana Patrícia Frederico Silveira / UEPB
Orientadora

Maria de Fátima Coutinho Sousa

Profa Maria de Fátima Coutinho Sousa / UEPB
Examinadora

Cléa Gurjão Carneiro

Prof(a) Cléa Gurjão Carneiro / UEPB
Examinadora

*Dedico este estudo:
Aos meus Pais, Francisco e Elza;
à meu esposo, Joab; e
à minha filha Ane Alice que está a caminho.*

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos.

À Universidade Estadual da Paraíba, à direção do Campus de Patos, e ao Programa de Pós-Graduação em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas interdisciplinares pela oportunidade.

Aos professores pelos ensinamentos;

À Professora. Ana Patrícia Frederico Silveira, a quem muito agradeço pela orientação serena e paciente.

À minha família, pela confiança e apoio;

À meu esposo, pela paciência e colaboração;

Aos colegas do curso, pelos momentos que estivemos juntos;

Aos amigos, Luzenira Moura, Francineide, Francinalda e Francisco de Assis pela ajuda durante todo o curso.

À direção, professores, e alunos, da Escola Nobel Vita que se dispuseram a ajudar na pesquisa.

A todos, o meu muito obrigado.

SOUSA, Francielza Maria dos.Santos. O TEXTO NÃO VERBAL EM SALA DE AULA. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares). UEPB – Universidade Estadual da Paraíba, Patos – PB, Brasil. 39p

RESUMO

Este estudo apresenta uma proposta de trabalho que privilegia uma análise de como os textos não-verbais são trabalhados nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa, no Ensino Médio. Para ampará-la, apresenta-se pontos de vista teóricos de autores como Martins, Freire, Ana Mãe Barbosa, Barbero, entre outros, que defendem a leitura de imagens como necessária para a completa alfabetização, já que, quando somos inseridos no mundo escolar nos tornamos alfabetizados somente com números e palavras e, no entanto falta-nos algo mais para entendermos o mundo que está à nossa volta. Mundo esse que não é mais feito somente por estes dois códigos. Podemos afirmar que nossa cultura visual é vasta e rica, e estamos submetidos a um mundo de imagens que muitas vezes não entendemos. A criança, antes mesmo de ser alfabetizada já faz leitura de imagem, reconhece diversos produtos através da linguagem visual. Em provas de vestibular é comum que as figuras apareçam como forma de trazer dados que nem sempre estão no texto, justamente para dificultar o trabalho do estudante, podendo ser vistas como um “pega”. Isso mostra a necessidade de uma alfabetização visual, desde a Educação Infantil à Universidade. Perceber a forma como estão sendo realizadas leituras de imagens nas escolas é intenção primeira para contemplar o que proponho no presente momento. Faz-se necessário, então, a pesquisa de campo, realizada com os alunos do 1º ano do ensino médio, na escola da Rede Estadual Advogado Nobel Vita, onde conheci como os professores de Língua Portuguesa estão realizando leituras de imagens em suas aulas. A presente pesquisa será realizada pelo método dialético, possibilitando a sondagem dos participantes objetivando traçar algumas experiências dos mesmos, para assim chegarmos a dados mais concretos sobre a prática da leitura de imagens. Além da aplicação de questionário os alunos vivenciaram diferentes atividades referente a comunicação visual. A pesquisa acontecerá dentro de uma abordagem quantitativa traduzindo em números opiniões e informações com a finalidade de classificá-los e organizá-los. Um dos motivos para a realização deste trabalho foi o fato de constatar que as imagens estão muito presentes na vida dos alunos Na escola, o aluno está em constante contato com as imagens principalmente no livro didático, que constitui, na maioria das vezes, sua única fonte de leitura. Portanto, precisamos aprender a ler imagens. Pois assim como se aprende a ler, deve-se aprender a ver, sendo necessário entender, interpretar e operar com os códigos visuais. Ao término deste trabalho percebi que a utilização da comunicação visual é bem aceita pelos alunos, e esta linguagem contemplaria o que aponta o PCN.

Palavras-chave: Leitura, Texto Não Verbal, Aprendizagem, Escola, Professores e Alunos.

SOUSA, Francielza Maria dos.Santos. THE NON-VERBAL TEXT IN THE CLASSROOM. Monograph (Specialization in Educational Foundations: Pedagogical Practice Interdisciplinary). UEPB - State University of Paraiba, Patos - PB, Brazil. 39p

ABSTRACT

This study presents work that privileges an analysis of how non-verbal texts are worked in class discipline of Portuguese language in high school. To support her, presents theoretical points of view of authors such as Martins, Freire, Ana Barbosa Mother, Barbero, Argyle, among others, argue that the reading of images as required for full literacy, since when we are immersed in school world became literate only with numbers and words, and yet we lack something more to understand the world that surrounds us. A world that is not only done by these two codes. We can say that our visual culture is vast and rich, and are subjected to a world of images that often do not understand. The child, even before it's been literate reading of the image, recognizes various products through visual language. Evidence of common entrance exam is that the figures appear as a way to bring data that are not always in the text, just to make the job of the student, may be seen as a "handle". This shows the need for visual literacy, early childhood education from the University. Realize how readings of images are being held in schools first intention is to contemplate what I propose in the present moment. Then it is necessary to field research conducted with students of the 1st year of high school, the school of the State Network Lawyer Nobel Vita, where I met as teachers of Portuguese are performing readings of images in their classes. This research will be conducted by the dialectical method, enabling the probing of participants aiming to draw some of the same experiences, so as we get more concrete data on the practice of reading images. Apart from a questionnaire students experienced different activities related to visual communication. The research will take place within a quantitative approach in translating numbers opinions and information in order to classify them and organize them. One reason for this work was the fact note that the images are very present in the lives of students. At school, the student is in constant contact with the images mainly in the textbook, which is, in most cases, their only source of reading. Therefore, we must learn to read images. For as you learn to read, you must learn to see, being necessary to understand, interpret and operate with the visual codes. At the end of this work I realized that the use of visual communication is well accepted by the students, and this language contemplate pointing the PCN.

Keywords: Reading Nonverbal Text, Learning, School, Teachers and Students.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2. CAPÍTULO I : LEITURA E TEXTO	12
2.1 Noções Sobre Leitura	12
2.2 Concepções e Modalidades Textuais.....	14
3. CAPITULO II: O TEXTO NÃO-VERBAL.....	18
3.1. Conceito e Características.....	18
3.2 A Presença Cada Vez Maior do Texto Não Verbal nos Vestibulares	21
4. CAPÍTULO III: O TRABALHO COM O TEXTO NÃO VERBAL EM SALA DE AULA.....	27
4.1. O Ensino da Leitura do Texto-Não-Verbal.....	27
4.2 O Texto Não Verbal no Contexto Escolar Atual	29
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
ANEXO.....	36

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em leitura, a primeira coisa que nos vem em mente é o ato de decodificação da linguagem escrita. Ou seja, costumamos usar a palavra leitura significando leitura de texto verbal, decodificação de palavras. Freire (2001) afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, haja vista que toda leitura é influenciada pela experiência de vida do leitor. Desta forma quanto maior for o “conhecimento de mundo” maior a apreensão de novos conhecimentos.

Vivemos a civilização da imagem como um dos fenômenos culturais mais importantes e apaixonantes do homem civilizado. Atualmente estamos vivendo intensamente a era visual, na qual cada vez mais percebemos o mundo por meio de imagens. No entanto, essa realidade não está presente no âmbito escolar. Na escola, o aluno está em constante contato com as imagens visuais, principalmente no livro didático, que constitui, na maioria das vezes, sua única fonte de leitura. E mesmo antes de entrar na escola eles já desfrutam de experiências visuais, mas isso não é garantia de estarem compreendendo o que estão lendo ou que já tenham uma habilidade crítico-reflexiva bem desenvolvida. Daí a necessidade do estudo das imagens, já que, o significado da palavra “texto” vai mais além do que uso da linguagem escrita.

As imagens estão muito presentes em nosso dia-a-dia e são poderosas formas de comunicação e informação. Decifrá-las, interpretá-las ou lê-las são necessidades fundamentais para qualquer tipo de atividade contemporânea. Desta forma, trazer estas questões para dentro da sala de aula torna-se muito importante e, por isto mesmo, uma responsabilidade a mais para todos nós envolvidos com a educação.

O tema leitura de imagens tem chamado à atenção dos professores, desde que as novas abordagens trouxeram as imagens para a sala de aula. Mas nem sempre esse assunto tem sido discutido de maneira a considerar o sujeito da leitura: o aluno, assim faz-se necessário que tanto o olhar dos alunos quanto o dos professores seja despertado e educado.

Por essa razão tenho o interesse em saber de que forma estão sendo feitas essas leituras nas escolas. Os alunos demonstram interesse nas aulas onde a dinâmica é a leitura de imagens? Quais as imagens utilizadas pelos professores para se fazer leituras? Essas e outras questões são abordadas, de forma a contribuir nos esclarecimentos de

algumas dúvidas, que se fazem presentes em nossa prática cotidiana e, talvez, apontando para outros questionamentos.

O presente estudo está estruturado em três capítulos, e têm por objetivos ampliar o entendimento sobre leitura; discutir sobre as imagens e sobre a necessidade de uma alfabetização visual e, principalmente, buscar compreender como acontece o processo de alfabetização visual por meio da leitura de imagens na sala de aula

O primeiro capítulo, *Leitura e Texto*, é dividido em dois tópicos. O primeiro, *Noções sobre Leitura*, traz informações sobre as definições de leitura, tentando ampliar nossa visão tradicionalista sobre o que é leitura. O segundo tópico, *Concepções e Modalidades textuais*, apresenta algumas definições de texto, e faz uma breve explanação acerca de sua estrutura e suas modalidades, dando enfoque as diferenças entre o texto verbal e o texto não verbal.

O segundo capítulo, *O Texto Não Verbal*, também é dividido em dois segmentos. O primeiro, *Conceito e Características*, trata mais detalhadamente do texto não verbal, apresentando suas características, objetivo, tipos e gêneros predominantes. No segundo, *A presença cada vez maior dos textos não verbais em sala de aula*, mostra como a modalidade de texto não verbal tem feito parte dos vestibulares nos últimos anos, a partir da análise de questões do ENEM 2013.

O terceiro capítulo, *O trabalho com o texto não verbal em sala de aula*, também apresenta dois tópicos. No primeiro, *O ensino da leitura do texto não verbal*, traz algumas reflexões a respeito da importância de se trabalhar com o texto de imagem na escola, apresentando a opinião de alguns teóricos sobre o tema. O segundo, *O texto não verbal dentro do contexto escolar atual*, apresenta nossas observações a cerca do trabalho desenvolvido com o texto não verbal na realidade escolar.

2. CAPÍTULO I : LEITURA E TEXTO

2.1 Noções Sobre Leitura

Quando falamos em leitura, a primeira coisa que nos vem em mente é o ato de decodificação da linguagem escrita; ou seja, costumamos nos remeter a alguém lendo um livro, um jornal, uma revista, ou qualquer outra coisa escrita. Sem dúvida, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Bastaria, porém decifrar palavras para acontecer a leitura? Como explicar então o fato de conseguirmos ler um gesto, um olhar, uma mímica, até mesmo a mudança do tempo apenas observando o céu? Isso não indicaria que o ato de ler vai além da escrita?

A leitura, como conceito e não como exclusividade verbal, pode ser entendida de várias formas. Diante da multiplicidade de códigos e linguagens com os quais nos deparamos diariamente, praticamos, conscientemente ou não, diversos tipos de leitura, isto é, podemos ler tanto um livro como uma figura, uma fotografia, uma obra de arte, uma música, um gesto, uma peça de teatro ou qualquer outra coisa. Essa é uma outra maneira de ler o mundo, não decifrando letras, mas decifrando imagens. A partir dessas palavras é possível começarmos a ampliar a visão tradicionalista para uma mais ampla sobre a noção de leitura.

Acerca disso, Martins (2003,p.22) afirma que "o homem interage com o mundo lendo e escrevendo nas mais diversas linguagens existentes recriando-as e por isto mesmo, multiplicando-as cada vez mais rapidamente." Ler é realmente imprescindível na vida do cidadão e da sociedade como um todo. O ato de ler se refere tanto a escrita quanto a outros tipos de expressão do humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

Segundo Martins (2003, p.26), "Se perguntarmos o que significa a leitura a nós mesmos, certamente cada um chegará a uma resposta diferenciada. Isso porque se trata, antes de mais nada, de uma experiência individual, cujos limites não estão demarcados pelo tempo em que nos detemos nos sinais ou pelo espaço ocupado por eles."

A leitura é bem mais que decodificar palavras, é também conhecer os códigos que fazem parte do cotidiano, que estão presentes nos gestos, nas roupas, nos alimentos, nos sons, nas imagens. O domínio desses diferentes códigos permite que o indivíduo interprete a sua realidade, principalmente as informações visuais que são tão constantes nos livros, revistas, outdoors, internet, cinema, televisão, entre tantas outras. É natural, portanto, que a escola proporcione possibilidades para que os alunos possam ser instruídos para compreender as mais diversas linguagens.

No entanto, a maioria dos educadores e educandos acreditam que aprender a ler se resume a decorar signos lingüísticos, o que impossibilita a compreensão verdadeira da função da leitura, e o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. Ainda segundo Martins (2003, p.30) as inúmeras concepções de leitura, podem ser sintetizadas em duas caracterizações, sendo a última mais ampla sobre o assunto

- 1) como uma decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de uma aprendizagem estabelecida a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

Considerando as colocações acima, a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido - seja ele qual for – verbal ou não-verbal. Em face disso, aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. Assim sendo, a função do professor não seria exatamente a de ensinar a ler, mas a de dar condições para o aluno realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses e necessidades, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Então, "criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias."(MARTINS, p.20)

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo, e, no contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência na leitura. Isso porque o dar sentido a um texto é também levar

em conta o diálogo dele com o seu leitor. Para isso, a noção de texto deve ser ampliada, e não mais ficar limitada ao que está escrito, mas abrir-se para englobar diferentes linguagens.

Se sabemos, então, que a leitura vai além do texto escrito e se faz presente de todas as formas ao nosso redor, como podemos exigir de nossos alunos a leitura de grandes livros, clássicos da cultura escrita, se não trabalhamos com exercícios de leitura também daquilo que mais faz parte do mundo atual? A cultura visual não pode ser deixada de lado no ambiente escolar. Ampliar o horizonte de leitura do aluno para além do texto escrito é um desafio necessário aos professores de nossa época, pois, o mundo do aluno é muito mais imagético que escrito e, até mesmo, para um maior envolvimento do adolescente com o trabalho escolar, é essencial promover uma postura que privilegie esse tipo de leitura em sala de aula. A aproximação da linguagem visual, tão presente no cotidiano atual, pode guiar a uma maior apropriação também da linguagem verbal, capaz de expressar sentimentos e opiniões pessoais relativas às imagens.

2.2 Concepções e Modalidades Textuais

Geralmente, entendemos o texto como um conjunto de frases, ou seja, algo que foi feito para ser lido. Mas a definição de texto não é tão simples quanto parece. Segundo Koch (1997:21), “desde as origens da Lingüística do Texto até nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas”.

A grosso modo, texto pode ser entendido como manifestação linguística das ideias de um autor, que serão interpretadas pelo leitor de acordo com seus conhecimentos linguísticos e culturais. Ou ainda, “Conjunto de palavras e frases articuladas, escritas sobre qualquer suporte”; “Obra escrita considerada na sua redação original e autêntica;” ocorrência linguística, escrita ou falada de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. É uma unidade de linguagem em uso.”

Os Textos estruturam-se de acordo com algumas regras, fatores e características como:

Contexto que busca representar o ouvinte e o leitor, estabelecer o lugar que ocorre a interação e quais finalidades.

Intertextualidade: é ser capaz de observar ou fazer ligações de um texto sobre outro, seja ou não do mesmo autor, porém de mesmo assunto. Quando lemos ou ouvimos um texto é necessária uma série de informações externas para um melhor entendimento do texto.

Parágrafo: um texto pode ser formado por diversos parágrafos, apresentado de acordo com o grupo de idéias. O parágrafo é composto de frases, é uma mudança de linha. As frases podem ser: interrogativas, afirmativas, negativas, exclamativas e imperativas.

O texto também tem que ter alguns aspectos formais, ou seja, tem que ter estrutura, elementos que estabelecem relação entre si. Dentro dos aspectos formais temos a coesão e a coerência, que dão sentido e forma ao texto. "A coesão textual é a relação, a ligação, a conexão entre as palavras, expressões ou frases do texto", A coerência está relacionada com a compreensão, a interpretação do que se diz ou escreve. Um texto precisa ter sentido, isto é, precisa ter coerência. Embora a coesão não seja condição suficiente para que enunciados se constituam em textos, são os elementos coesivos que lhes dão maior legibilidade e evidenciam as relações entre seus diversos componentes, a coerência depende da coesão.

Em sua organização os textos, devem buscar uma finalidade, depois decidir sobre uma sequência. As sequências dividem-se em: narrativas, descritivas, dissertativas, instrutivas e com diálogos.

Quanto aos gêneros textuais, são as estruturas com que se compõe os textos, sejam eles orais ou escritos. Essas estruturas são socialmente reconhecidas, pois se mantêm sempre muito parecidas, com características mais comuns, procuram atingir intenções comunicativas semelhantes e ocorrem em situações específicas.

Ainda é preciso lembrar que os gêneros são mutáveis e flexíveis, o que não impede de terem certa estabilidade: definem o que é dizível, têm uma composição, estrutura, acabamento e tipo, têm relação com os outros participantes da troca verbal;

um plano comunicacional. Os gêneros se exibem e estão presentes em todas as ações comunicativas. Bakhtin (2003, p. 302) nos lembra que “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”. Assim, o gênero é um instrumento que utilizamos para nos comunicar. São de números infinitos e circulam em esferas sociais específicas

Os textos podem ser ainda, literários e não literários. Os textos literários são aqueles que, em geral, têm o objetivo de emocionar o leitor, e para isso exploram a linguagem conotativa ou poética. Em geral, ocorre o predomínio da função emotiva e poética. Exemplos de textos literários são os poemas, romances literários, contos, telenovelas.

Os textos não literários pretendem informar o leitor de forma direta e objetiva, a partir de uma linguagem denotativa. A função referencial predomina-se nos textos não-literários. Exemplos de textos não-literários são as notícias e reportagens jornalísticas, textos de livros didáticos de História, Geografia, Ciências, textos científicos em geral, receitas culinárias, bulas de remédio.

Até aqui vimos que texto é, uma sequência verbal (palavras), oral ou escrita, que forma um todo que tem sentido para um determinado grupo de pessoas em uma determinada situação. E que pode ter uma extensão variável: uma palavra, uma frase ou um conjunto maior de enunciados, mas ele obrigatoriamente necessita de um contexto significativo para existir.

Mas essa noção precisa ser ampliada, pois há textos que não contam com o auxílio da palavra, seja ela escrita ou oral. É o caso, por exemplo, da fotografia e da pintura. Dizemos, então, que há textos verbais e visuais. Há ainda textos que utilizam os dois recursos, como os filmes, que usam imagens, diálogos e legendas.

No Quadro um, por exemplo, todas as figuras trazem uma “mensagem” e provocam uma interação com o leitor. Todas têm alguma coisa a dizer, e, nós, exercemos uma ação interpretativa sobre elas.. Claro que a interpretação do que cada

uma diz está relacionada com o conhecimento de mundo, com a cultura de uma forma geral e, principalmente, com as vivências que temos em nosso cotidiano.

Todas são, assim, textos.



Então o que chamaríamos de texto agora?

Texto é toda e qualquer produção que resultada da comunicação ou interação entre as pessoas. É produzido com o objetivo de comunicar algo a uma ou mais pessoas e provocar interação.

Então, chegamos ao conceito de texto mais ampliado e consistente: todo enunciado que faz sentido para um determinado grupo em uma determinada situação. No ENEM, por exemplo, essa noção mais moderna de texto é a que vale.

Assim, vimos que podemos nos comunicar não apenas por meio da fala, e da escrita mas também por meio de sinais, de uma pintura, de um gesto, de uma escultura

etc., então toda mensagem produzida, a partir de um processo de comunicação, que provoca uma reação no outro é um texto.

Este texto, por sua vez, está impregnado das intenções de quem o produz, assim carrega muito além da mensagem, porque também carrega atitudes, expectativas e sentimentos de quem o produz. Por isso, provoca reação e, conseqüentemente interação.

Dessa forma, ler um texto não é apenas decodificar os sinais usados na elaboração da mensagem, mas também identificar em que situação esse texto foi produzido; com que propósito foi elaborado e que papel e função desempenha no processo de interação social.

3. CAPITULO II: O TEXTO NÃO-VERBAL

3.1. Conceito e Características

Primeiramente, linguagem não verbal é toda e qualquer comunicação em que não se usa palavras para explicar a mensagem desejada. Por exemplo: Você está em um ambiente fechado, onde existe uma placa de proibido fumar e nenhum nome referindo-se a placa. Você sabe que aquela sinalização significa que é proibido fumar, sem que não haja nenhum nome de identificação.

O objetivo de uma linguagem não verbal é fazer com que você descubra a mensagem que aquele texto quer mostrar. Vale ressaltar que a linguagem não verbal tem que ser bem elaborada (em caso de um anúncio de produto principalmente), para que não haja ambigüidade ou que a mensagem não seja passada realmente. A Linguagem não verbal tem o grande poder de prender a atenção do leitor bem mais do que um texto comum.

Existem diversos textos não verbais no nosso dia-a-dia. Não necessariamente eles precisam está contidos em placas de sinalização. É muito comum encontrarmos também em charges, comerciais e revistas. O não-verbal, cada vez mais, toma o espaço do verbal não só na mídia, como em todos os setores da comunicação, feita para grandes públicos. A mídia moderna descobriu que o que se pode dizer por meio de imagens não

deve ser dito por meio de palavras. Aliás, as palavras que tentam descrever uma imagem, jamais conseguem esgotá-la por completo.

O texto não-verbal pode, em princípio, ser considerado predominantemente descritivo, pois representa uma realidade singular e concreta, num ponto estático do tempo. Uma foto, por exemplo, de um homem de capa preta e chapéu, com a mão na maçaneta de uma porta é descritiva, pois capta um estado isolado. Com a organização de uma seqüência de fotos em progressão, se relata uma transformação de estados que se sucedem, configura-se a narração. Essa disposição de imagens em progressão constitui recurso básico das histórias em quadrinhos, fotonovelas, cinema, etc.

A comunicação não-verbal exerce fascínio sobre a humanidade desde seus primórdios, pois envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, como os gestos, expressões faciais, orientações do corpo, as posturas, a relação de distância entre os indivíduos e, ainda, organização dos objetos no espaço. Pode ser observada na pintura, literatura, escultura, entre outras formas de expressão humana. Está presente no nosso dia-a-dia mas, muitas vezes, não temos consciência de sua ocorrência e, nem mesmo, de como acontece.

Para ilustração nossa discussão, temos no quadro abaixo dois exemplos de textos não verbais.



A primeira imagem trata-se de uma charge, um gênero discursivo, um estilo de ilustração cuja finalidade é satirizar, por meio da caricatura, algum acontecimento da atualidade. Segundo Santos (2007, p. 120): A charge não se limita apenas a ironizar, mas acrescenta ao cômico, criado pela deformação da imagem, um dado singular: a crítica que visa a levar o leitor a solidificar sua posição acerca de um determinado aspecto da realidade, sendo o foco principal os fatos políticos

Por sua própria natureza, a charge extravasa o universo simbólico para alcançar a instância de representações socioculturais, configurada no discurso político – imagem crítica da crítica. Nesse tipo de discurso, vão-se construindo valores, sucessivamente, por meio de figuras vetores de construção de sentidos – imagens representativas de valores sociais em espaço político-histórico.

Quanto a segunda imagem, trata-se de uma fotografia. Dependente do “saber”, do conhecimento de mundo do leitor, sua leitura interpretativa é histórica. A foto confere credibilidade por ser vista como “cópia” pura e simples da própria realidade. O sentido de uma foto pode ser atribuído, segundo Barthes (1992, p.23-24), à existência de três tipos de conotação: perceptiva – quando calcada na analogia da foto com a realidade; cognitiva – quando apreendida a partir do conhecimento de mundo; ideológica – quando se associa a imagem a razões ou a valores culturais. Verificam-se esses tipos na situação do historiador, por exemplo, ao analisar fotos de um momento da História – o que lhe permite detectar ideologias da época em que se registrou o fato.

Como vimos, além da linguagem verbal, há outras formas de linguagem, como a pintura, a mímica, a dança, a música, a fotografia, o desenho e outras mais. Com efeito, por meio dessas atividades, o homem também representa o mundo, exprime seu pensamento, comunica-se e influenciam os outros. Tanto a linguagem verbal quanto as linguagens não-verbais expressam sentidos e, para isso, utilizam-se de signos, com a diferença de que, na primeira, os signos são constituídos dos sons da língua, ao passo que nas outras se exploram outros signos, como as formas, a cor, os gestos, os sons musicais, etc.

3.2 A Presença Cada Vez Maior do Texto Não Verbal nos Vestibulares

Há cerca de dez anos, os exames escolares passaram a se utilizar de textos não verbais ou mistos, para avaliar a capacidade de interpretação dos alunos. No ENEM, por exemplo é constante o uso de imagens nas provas. Charges, cartuns, quadrinhos, ilustrações, mapas e fotografias são tão comuns no Exame Nacional do Ensino Médio que devem fazer parte da rotina de estudos dos candidatos. Como a avaliação que substitui os principais vestibulares do país tem como objetivo testar a competência interpretativa dos estudantes, é necessário estar apto para entender o sentido dos recursos visuais e dos textos interligados a uma imagem.

Desconsiderando gráficos, vetores, estruturas químicas, figuras geométricas e outros recursos visuais comuns também em vestibulares tradicionais, boa parte das questões da edição do ENEM, no ano passado, tinham fotos, charges, tiras, pinturas ou peças publicitárias. Na maioria das perguntas, a figura era mais do que um elemento gráfico, tornando-se uma peça-chave para a resposta certa.

QUESTÃO 28



Disponível em: <http://BP.blogspot.com>.

Na imagem, visualiza-se um método de cultivo e as transformações provocadas no espaço geográfico. O objetivo imediato da técnica agrícola utilizada é

- A) controlar a erosão laminar.
- B) preservar as nascentes fluviais.
- C) diminuir a contaminação química.
- D) incentivar a produção transgênica.
- E) implantar a mecanização intensiva.

QUESTÃO 39



THÉO. In: LEMOS, R. (Org.). Uma história do Brasil através da caricatura (1840-2001). Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras & Expressões, 2001.

Meta de Faminto

JK — Você agora tem automóvel brasileiro, para correr em estradas pavimentadas com asfalto brasileiro, com gasolina brasileira. Que mais quer?

JECA — Um prato de feijão brasileiro, seu doutô!

A charge ironiza a política desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek, ao:

A) evidenciar que o incremento da malha viária diminuiu as desigualdades regionais do país.

B) destacar que a modernização das indústrias dinamizou a produção de alimentos para o mercado interno.

C) enfatizar que o crescimento econômico implicou aumento das contradições socioespaciais.

D) ressaltar que o investimento no setor de bens duráveis incrementou os salários de trabalhadores.

E) mostrar que a ocupação de regiões interioranas abriu frentes de trabalho para a população local.

QUESTÃO 33



MOREAUX, F. R. Proclamação da Independência. Disponível em: www.tvbrasil.org.br.

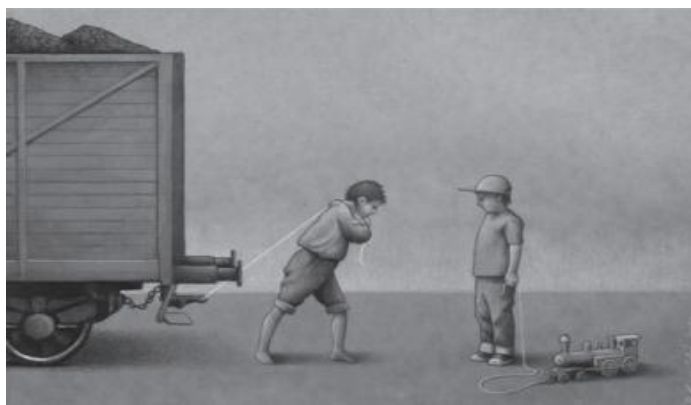


FERREZ, M. D. Pedro II. SCHWARCZ, L. M. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. Disponível em: www.tvbrasil.org.br.

As imagens, que retratam D. Pedro I e D. Pedro II, procuram transmitir determinadas representações políticas acerca dos dois monarcas e seus contextos de atuação. A ideia que cada imagem evoca é, respectivamente:

- A) Habilidade militar — riqueza pessoal.
- B) Liderança popular — estabilidade política.
- C) Instabilidade econômica — herança europeia.
- D) Isolamento político — centralização do poder.
- E) Nacionalismo exacerbado — inovação administrativa

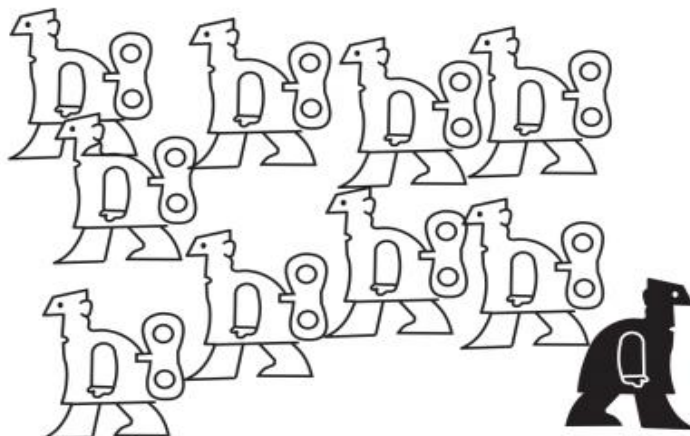
QUESTÃO 102



KUCZYNSKIEGO, P. Ilustração, 2008. Disponível em: <http://capu.pl>.

O artista gráfico polonês Pawla Kuczynskiego nasceu em 1976 e recebeu diversos prêmios por suas ilustrações. Nessa obra, ao abordar o trabalho infantil, Kuczynskiego usa sua arte para

- A) difundir a origem de marcantes diferenças sociais.
- B) estabelecer uma postura proativa da sociedade.
- C) provocar a reflexão sobre essa realidade.
- D) propor alternativas para solucionar esse problema.
- E) retratar como a questão é enfrentada em vários países do mundo.

QUESTÃO 107

CAULOS. Disponível em: www.caulos.com.

O cartum faz uma crítica social. A figura destacada está em oposição às outras e representa a :

- A) opressão das minorias sociais.
- B) carência de recursos tecnológicos.
- C) falta de liberdade de expressão.
- D) defesa da qualificação profissional.
- E) reação ao controle do pensamento coletivo.

QUESTÃO 127

(Tradução da placa: “Não me esqueçam quando eu for um nome importante.”)

NAZARETH, P. Mercado de Artes / Mercado de Bananas. Miami Art Basel, EUA, 2011.

Disponível em: www.40forever.com.br.

A contemporaneidade identificada na performance /instalação do artista mineiro Paulo Nazareth reside principalmente na forma como ele

- A) resgata conhecidas referências do modernismo mineiro.
- B) utiliza técnicas e suportes tradicionais na construção das formas.
- C) articula questões de identidade, território e códigos de linguagens.
- D) imita o papel das celebridades no mundo contemporâneo.
- E) camufla o aspecto plástico e a composição visual de sua montagem.

Como podemos observar as questões acima trazem seis exemplos de textos de imagem.

Nas questões 28, 33, 102 e 107, temos a presença exclusiva da imagem, ou seja são textos não verbais. A questão 28 trate-se de uma foto que mostra uma prática agrícola conhecida como terraceamento; já na questão 33 vemos duas pinturas, a primeira mostra D. Pedro I rodeado e apoiado pelo povo, na segunda temos a presença única e soberana de D. Pedro II. A questão 102 trás uma ilustração que retrata o contraste entre uma criança que trabalha e outra que brinca, levando-nos assim a refletir sobre o trabalho infantil. Na questão 107 temos um cartum, onde vemos que a maioria dos personagens são representados por bonecos de corda que se movimentam na mesma direção, e um único sem corda que segue um caminho oposto.

Como vimos, essas questões levam ao extremo a necessidade da leitura visual. Mostram a imagem e pedem ao estudante que indique a alternativa correta com base no que leram. As palavras só aparecem nas alternativas a serem preenchidas.

Nos outros exemplos, temos o texto misto, ou seja, aquele que apresenta a linguagem verbal e a não verbal. A questão 127 é uma instalação artística, que mostra arte e bananas sendo vendidas em um mesmo espaço. E a questão 39 trás um exemplo de charge uma crítica ao governo de Juscelino Kubitschek, que beneficiava os setores urbanos e deixava de lado o homem do campo.

Mesmo apresentando a linguagem verbal, essas questões só poderiam ser bem compreendidas se fosse feita a leitura da imagem antes de se ler o texto escrito, pois as mesmas traziam dados relevantes à compreensão da questão.

A leitura da imagem faz parte de uma das cinco competências que fundamentam o teste do Enem. O aluno, dizem os responsáveis pela prova, deve dominar a norma culta da língua portuguesa e diferentes linguagens, a artística entre elas. É por isso que o exame pede questões com obras de arte e histórias em quadrinhos.

A banca do exame nacional procura avaliar se o candidato consegue reconhecer as funções desempenhadas pelas imagens, o trabalho dos artistas, a mensagem central e a ligação entre figuras e textos. Diante dessas questões, os candidatos devem identificar a relação de significado entre a imagem e o texto apresentados no mesmo enunciado.

O Enem inclui sabiamente a imagem em suas questões. E também a leitura dela, dentro do texto em que está inserida. Texto é palavra, elemento verbal escrito. Mas é também imagem, entendida dentro de um contexto de produção.

4. CAPÍTULO III: O TRABALHO COM O TEXTO NÃO VERBAL EM SALA DE AULA

4.1. O Ensino da Leitura do Texto-Não-Verbal.

Tendo em vista que na contemporaneidade as exigências de leitura não se restringem à palavra escrita precisamos exercer práticas de leitura que envolvam as múltiplas linguagens. O ensino da leitura de texto não verbal é uma maneira interessante e eficiente para esse fim, uma vez que possibilita aos discentes o desenvolvimento dos aspectos intelectuais, social e afetivo, integrando os conteúdos e levando-se em consideração as várias ciências, que pelo caminho da interdisciplinaridade, constroem conhecimentos participativos e decisivos na formação do sujeito social.

O mundo social é permanentemente leitor e leitura dos seus indivíduos. Nossa cultura nos transfere conhecimentos sobre a realidade e formas de pensar essa mesma realidade. Aprender a ler o mundo é apropriar-se desses valores de nossa cultura. É, também, submetê-los a um processo permanente de questionamento, da qual participa nossa capacidade de duvidar.

O ato de observar, ler imagens, proporciona infinitas leituras e interpretações que variam de acordo com a compreensão de cada leitor, das experiências que cada um já viveu, da imaginação, das recordações passadas, ou seja, depende da bagagem de vida de cada um. Neste sentido, a imagem passa a ser vista como importante elemento de informação e quando assim explorada abre espaço para o estudo de seu potencial pedagógico, ou seja, podendo ser utilizada no processo de comunicação, além de contribuir para formação do próprio educando para conviver com esse “bombardeio de imagens” cotidianas.

Equivocadamente há quem acredite que não necessitamos de conhecimento formal para realizarmos uma leitura de imagem, mas sem esse conhecimento a leitura torna-se superficial. A leitura da imagem não se dá da mesma maneira que a leitura da

palavra. No texto escrito, o tema ou assunto podem ser deduzidos por elementos como título, subtítulos, autor etc., mas é apenas a leitura completa do texto que possibilita ao leitor apreendê-lo globalmente.

Com a imagem é diferente, porque logo ao primeiro olhar ela se apresenta inteira, o observador a percebe globalmente e ela, de pronto, mobiliza seus esquemas perceptivos. A percepção da imagem não segue uma linha de orientação obrigatória, porém envolve uma multiplicidade de pontos de vista, de acordo com as opções que o observador faz.

A leitura de imagem dentro do contexto escolar pode contribuir para ampliar o repertório imagético e o conhecimento de mundo. Pois a imagem também é uma forma de conhecer e representar o mundo, e como as palavras produzir idéias. Oportunizando aos alunos a possibilidade de externar seus pensamentos, suas interpretações e inquietações, levando-os a um olhar mais atento. Assim sendo a leitura de imagem traz uma importante contribuição no processo de desenvolvimento para uma leitura crítica do mundo.

Ana Mãe Barbosa (1997,p.14) diz que: "a leitura de imagens na escola prepararia os alunos para a compreensão da gramática visual de qualquer imagem, artística ou não, na aula de artes ou no cotidiano, e que torná-los conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-los para compreender e avaliar todo tipo de imagem."

Acredita-se que o trabalho com imagens em sala de aula deva privilegiar o desenvolvimento do olhar crítico do aluno que está em constante contato com as mesmas, na sua capacidade de interpretar e compreender criticamente as imagens.

Com tudo isso, percebemos que a leitura de imagens se faz uma proposta metodológica importante nas escolas, segundo Fallgater (2001, p.70): a leitura de imagens visa o despertar do senso crítico e a apreciação estética, desenvolvendo a percepção e a imaginação enquanto analisa a realidade percebida e desenvolve a criatividade, podendo mudar a realidade que foi analisada.

Assim, nas atuais aulas de Língua Portuguesa, é importante o aluno ter contato com textos não verbais, visto que, a leitura de imagem faz parte de nossa vida. Quando olhamos um quadro tentamos imaginar o que o pintor retratou ali, nos reportamos à época do mesmo, avaliamos suas características gerais e individuais, sejam elas de

objetos, paisagens, pessoas, animais, alimentos, etc. Dessa forma, identificamos os elementos ali presentes, se estão vivos ou mortos, se estão estáticos ou se movem e conseguimos até mesmo imaginar o que as pessoas conversavam.

Interpretar uma figura durante uma prova não é diferente, é preciso utilizar esses mesmos recursos visuais e imaginários, relacionando-os aos conhecimentos próprios. Fazer a interpretação de um gráfico pode levar o aluno a se diferenciar de seus concorrentes, que não olham para o mesmo, pois consideram perda de tempo.

O ENEM, como já foi ressaltado no capítulo anterior, inclui sabiamente a imagem em suas questões. E também a leitura dela, dentro do texto em que está inserida. Texto é palavra, elemento verbal escrito. Mas é também imagem, entendida dentro de um contexto de produção.

Demorou muito tempo para que o elemento visual fosse incluído no conteúdo pedagógico. E isso ainda não ocorreu como deveria. Existe resistência de alguns em inserir a imagem na sala de aula, talvez por entender que ela não seja tão relevante quanto a palavra. É uma visão estreita. Pois, percebemos, através de tudo que já foi discutido até aqui, que o texto não verbal consegue transmitir uma mensagem ou dizer algo sem palavras, basta que o leitor esteja apto para analisar e interpretar este tipo de texto.

O estudo da imagem como discurso produzido pelo não verbal, abre a possibilidade de entender os elementos visuais como operadores do discurso, bem a sua importância para desenvolver o raciocínio dos alunos, tornando-os mais capazes de ler, interpretar e entender imagens que o cercam no seu cotidiano, deixando evidente que da mesma forma que a linguagem verbal é lida, a não verbal também pode ser.

4.2 O Texto Não Verbal no Contexto Escolar Atual

Na realidade escolar o que percebemos é que os alunos não estão acostumados a olhar e analisar imagens. Ao lerem um texto muitas vezes não dão importância as imagens que ele apresenta, acreditando que essas são meramente ilustrativas. Talvez isso se deva ao fato da imagem ainda não ter ocupado seu espaço no processo de ensino-aprendizagem, sendo, geralmente, utilizada como mera ilustração.

O que percebemos é que a escola ainda se restringe a pura leitura de textos escritos isso porque ainda acreditam que a leitura é um processo de atribuir significação

à palavra. Logo, “ler imagem tornaria uma leitura “ilegível”, como afirma MARTINS, (1993:32) e ainda acrescenta “os professores de português, talvez estejam imbuídos de que os textos são para ler, enquanto cinema e quadros são para ver”.

É necessário envolver nossos alunos com os gêneros textuais que os rodeiam no dia-a-dia. A escola precisa preocupar-se em construir alunos leitores-críticos dos textos que os cercam, já que, como afirma Barbero (2000. p.60): “gente livre significa gente capaz de saber ler a publicidade e entender para que serve, e não gente que deixa massagear o próprio cérebro...”

Tudo isso coloca o aluno e o professor diante de uma imensa gama de discursos e modos de produção e circulação desses discursos, o que proporcionará que ambos compreendam que a significação não está no enunciado, na materialidade, mas na enunciação e esta pode ser percebida por meio das pistas discursivas e até mesmo textuais. “Expandir nossa capacidade de ver significa expandir nossa capacidade de entender uma mensagem visual” DONDIS.p.13.

Assim, BÁRBERO,2000,p 60 afirma:

Em primeiro lugar, a educação não pode dar as costas às transformações do mundo do trabalho, dos novos saberes que a produção mobiliza, das novas figuras que recompõem aceleradamente o campo e o mercado das profissões. Não se trata de subordinar a formação à adequação de recursos humanos para a produção, mas sim que a escola assuma os desafios que as inovações tecnoproductivas e relativas ao trabalho apresentam ao cidadão em termos de novas linguagens e saberes. Pois seria suicida para uma sociedade alfabetizar-se sem levar em conta o novo país que está aparecendo no campo da produção. Em segundo lugar, a construção de cidadãos significa que a educação tem de ensinar as pessoas a ler o mundo de maneira cidadã. (...). E, em terceiro lugar, a educação é moderna na medida em que seja capaz de desenvolver sujeitos autônomos.

A pergunta que resta a fazer as escolas é se os professores e alunos estão preparados para entender/interpretar a grande quantidade de imagens recebidas. Segundo BARBERO,2000, p. 57 “Enquanto o ensino transcorre através do mundo do manual, o professor sente-se fortalecido; mas quando aparece o mundo da imagem, o professor perde a estabilidade, porque o aluno maneja muito melhor a língua da imagem que o professor.”

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Advogado Nobel Vita, com os professores de língua portuguesa, e os alunos dos 1º anos A e B totalizando 42 alunos, na faixa etária de 15 a 17 anos.

Para obter o objetivo da pesquisa, foram organizados três encontros com os alunos. Sendo que no primeiro procurei analisar as aulas de português, através de uma avaliação diagnóstica, aplicando um questionário direcionado aos alunos, para obter o conhecimento deles sobre texto não verbal. No questionário elaborado com pergunta direcionada ao entendimento do aluno com o assunto, as respostas foram dadas sem que houvesse o intermédio da professora, obtendo-se respostas a partir do que sabiam. Nos casos em que as respostas dos alunos foram iguais, ou que tinham o mesmo sentido foram agrupadas em uma única resposta.

No segundo encontro foi iniciada uma discussão com os alunos sobre o que é a linguagem imagética. Como contribuição, foram apresentadas imagens midiáticas (capa de revista, outdoors, propagandas) e não midiáticas (pintura, desenhos em quadrinhos, charges, fotografias), pois os alunos precisavam compreender e conhecer a grande diversidade de imagens, suas especificidades, seus diferentes veículos e suas diversas funções sociais.

No último encontro foi proposto para os alunos um segundo questionário. Neste momento, entregamos duas imagens aos alunos para que fizessem uma análise, em torno de alguns questionamentos. Ao final, cada aluno pôde apresentar a sua análise. É importante para o aluno a discussão em torno da leitura pensando se ele concorda ou não com o que leu na imagem e pensar no porque concorda ou não, apresentando argumentos para defender sua postura crítica diante da imagem lida. Assim pude perceber se o aluno conseguiu comprovar a leitura que fez por meio dos elementos presentes na imagem.

Com a análise dos resultados do questionário I, percebemos que a grande maioria dos alunos não apresentava nenhuma noção quanto à leitura de imagens, nem se quer sabiam que as imagens também são textos. Todos só tinham contato direto com imagens durante as aulas de arte. Quanto as imagens presentes no livro didático,

afirmarem acreditar que as mesmas só estão ali para ilustrar os textos, e não apresentam muita importância.

Mas depois de serem apresentados aos textos de imagem, e participarem da discussão a cerca da leitura de textos não verbais, que aconteceu no segundo encontro, os alunos demonstraram grande interesse pelo tema.

Assim, no segundo questionário, já demonstraram um maior interesse pelas imagens, fazendo com que o encontro fosse bastante participativo e proveitoso. O que só reforçou a idéia de que os alunos não veem as imagens criticamente, a menos que sejam ensinados a fazê-lo.

Acredito que as perspectivas sobre texto não verbal discutidas na pesquisa de campo realizada com os alunos da Escola Nobel Vita, vieram iluminar alguns aspectos do ensino e do aprendizado sobre textos. E mostrar que o professor deve procurar utilizar métodos para ampliar o conhecimento e a imaginação dos alunos, pelos diversos meios de comunicação visual.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegada à conclusão desta pesquisa é inegável a importância da leitura de imagem como proposta de ensino aprendizagem em Língua Portuguesa, sendo que vivemos cercados por imagens e, por vezes, nos vemos agindo em função delas.

Percebemos, ainda, que o texto não verbal consegue transmitir uma mensagem ou dizer algo sem palavras, basta que o leitor esteja apto para analisar e interpretar este tipo de texto.

No entanto, conforme a intenção de nosso trabalho, que é perceber se estão sendo realizadas e como estão sendo realizadas leituras de textos não verbais na escola, os dados revelaram que, teoricamente, os professores têm conhecimento acerca das mais recentes concepções de escrita, texto e gênero textual, inclusive sobre o texto de imagem e sua aplicação no ensino, mas quando partimos para a observação das propostas de sala de aula encontramos as contradições e as reduções em relação às concepções apresentadas.

Nesse sentido, verificamos a não associação da teoria com a prática em grande parte dos casos, uma vez que ainda é perceptível, subjacente às suas atividades, a concepção de língua como código, o que implica em dificuldades na aprendizagem e no desempenho do aluno quando este se encontra diante de uma proposta com o texto não verbal.

Ainda durante a pesquisa, que realizei para obter uma visão do que se passa, a partir da fala dos alunos, pude perceber a partir dos comentários deles que a comunicação das imagens não é passada aos mesmos como linguagem. Assim como, durante a pesquisa percebi que a utilização da comunicação visual é bem aceita pelos mesmos.

Assim, chegamos a conclusão de que os alunos, normalmente, não têm o hábito de realmente “ler” os sentidos projetados pelas imagens. O que acontece, com frequência, é um contato com as imagens do livro didático, que aparecem na tentativa de ilustração de um texto escrito. Entretanto, neste contato, raramente são feitas análises significativas dos gêneros imagéticos. O professor de Língua Portuguesa, não está preparado para realizar com os alunos um estudo das imagens, o qual vá além dos

estereótipos e das formas padronizadas de um conhecimento sustentado por um paradigma técnico.

O estudo da imagem como discurso produzido pelo não verbal, abre a possibilidade de entender os elementos visuais como operadores do discurso, bem a sua importância para desenvolver o raciocínio dos alunos, tornando-os mais capazes de ler, interpretar e entender imagens que os cercam no seu cotidiano, deixando evidente que da mesma forma que a linguagem verbal é lida, a não verbal também pode ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mãe Tavares Bastos. Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005. 432 p.

BARTHES, R. Rhétorique de l'image. In: Communications, n.4. Paris: Seuil, 1964.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hulcitech, 2004.

Dondis, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. Disponível em :
[HTTP://pt.scribd.com/doc/7772959/Sintaxe-Da-Linguagem-visual-Donis-A-Dondis-72dpi](http://pt.scribd.com/doc/7772959/Sintaxe-Da-Linguagem-visual-Donis-A-Dondis-72dpi). Acesso em: 03 abril.2014.

FALLGATER, V. Ketleen. O desenho motivado pela leitura de imagem. In:
PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte & SCHRAMM, Marilene de Lima Körting (orgs.)
Reflexões sobre o Ensino das Artes. Joinville, SC: Univille, 2001.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. Estudos Avançados, São Paulo, v 15, nº. 42, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>>
Acesso em 15 01 2013.

KOCH, Ingedore. (1997). A construção textual do sentido. In: O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, vol XXIII, n. 1, jan-jun. 2000.

MARTINS. Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, E. P. Gêneros textuais e o discurso das charges: um campo fértil de intertextualidade. webartigos.com Link educação, 2007.[artigoscientifico.uol.com.br/uploads/artc_1199672605_40.doc] Acesso em 14/03/2013.

ANEXO

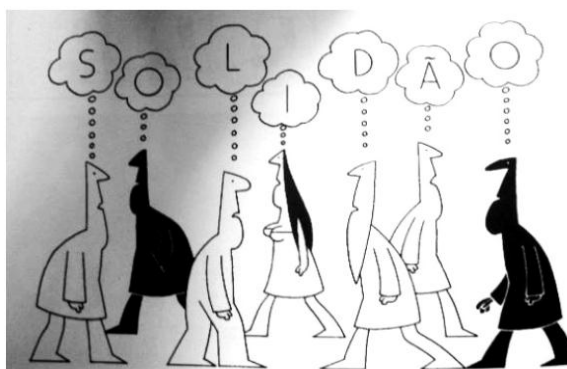
QUESTIONÁRIO II

Imagem I



1. Qual o elemento central dessa imagem? O que ela representa?
2. Há elementos nesta imagem que a humanizam? Quais são? Que idéia transmite cada um deles?
3. Comente sobre as cores utilizadas, o foco dado a imagem, o plano, a textura. Que sentido eles produzem?
4. Que tipo de imagem é observada?
5. Quais sensações causam essa imagem?
6. Quais são os personagens? As figuras ocultas ou encobertas?
7. Relate as expressões faciais, posturas e atitudes dos personagens.
8. Qual o sentido produzido por esta imagem? O que vocês entenderam desta imagem?

Imagem II



CAULOS
Só dai quando eu respiro. Porto Alegre: L&PM, 2001.

9. Que tipo de imagem é essa?

10. Análise o plano verbal. Que figuras X temas existem?

11. Qual é a informação que se quer transmitir com esta imagem?

12. É possível entender o sentido sem observar bem as imagens?